

Em rota de colisão: Adorno, Marcuse e os Movimentos Estudantis¹

*Bruna Della Torre de Carvalho Lima²
Eduardo Altheman Camargo Santos³*

Resumo: O artigo discute a relação entre Theodor W. Adorno e Herbert Marcuse, tendo como fio condutor seu diálogo em torno dos eventos políticos de 1968 e do movimento estudantil. Dado que são teóricos críticos geralmente considerados antitéticos quanto a essa questão, o artigo busca problematizar essa concepção dualista dos autores, recorrendo tanto à obra teórica quanto à correspondência, assim como a intervenções públicas de ambos.

Palavras-chave: Theodor W. Adorno. Herbert Marcuse. Teoria e prática.

On a collision course: Adorno, Marcuse and the student movements

Abstract: The article discusses the relation between Theodor W. Adorno and Herbert Marcuse, having as its main axis their dialogue around the political events surrounding 1968 and the student movement. Since they are critical theorists usually taken as antithetical in their positions regarding this issue, the article seeks to problematize such dualist conception, by resorting not only to their theoretical works, but also to the correspondence, as well as public interventions from both.

Keywords: Theodor W. Adorno. Herbert Marcuse. Theory and praxis.

En curso de colisión: Adorno, Marcuse y los movimientos estudiantiles

Resumen: El artículo analiza la relación entre Theodor W. Adorno y Herbert Marcuse, teniendo como hilo conductor su diálogo acerca de los eventos políticos de 1968 y

¹ Recebido em 15/08/2016 e aprovado em 28/11/2016.

² Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da CAPES. Contato: bru.dellatorre@gmail.com.

³ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da CAPES e do CNPq. Contato: eduardo.altheman@gmail.com.

del movimiento estudiantil. Como se trata de teóricos críticos que en general se consideran antitéticos en lo que respecta a este tema, el artículo busca problematizar esta concepción dualista de los autores, recurriendo tanto a su obra teórica como a su correspondencia, así como a intervenciones públicas de ambos.

Palabras clave: Theodor W. Adorno. Herbert Marcuse. Teoría y práctica.

“Para o campo de concentração com a corja de intelectuais”

Lederjackenfraktion

Introdução

Em 1969, Theodor Adorno escrevia:

Contra os que administram a bomba, são ridículas as barricadas [...]. Pode ser diferente com as técnicas de guerrilha no Terceiro Mundo; nada no mundo administrado funciona sem rupturas. Por isso, nos países industrializados desenvolvidos toma-se por modelo os subdesenvolvidos. Estes são tão impotentes quanto o culto da pessoa de um caudilho, ignominiosamente assassinado quando se encontrava indefeso. Modelos que não deram bom resultado nem mesmo na selva boliviana não podem ser transferidos (ADORNO, 1995, p. 217).

Quem lê o trecho acima logo repara a dureza do argumento de Adorno. Ele discute a morte de Che Guevara e a impotência do movimento estudantil de 1968. No que diz respeito aos debates no interior da Escola de Frankfurt, aquele entre Adorno e Herbert Marcuse remete imediatamente à discussão relativa à práxis e aos movimentos estudantis. A ideia seria que enquanto Adorno pensava na inutilidade das barricadas, Marcuse defendia que “o protesto estudantil é não-violento perto da própria sociedade” (cf. KELLNER, 2005, p. 46).

Em 1969, ocorreu um evento que assombra a leitura de ambos os autores desde de então. Frente à ocupação de uma das salas do Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt por membros do movimento estudantil, Adorno chamou a polícia, exigindo imediata desocupação das salas e retorno à normalidade dos eventos do Instituto. Marcuse, apoiador crítico dos grupos da *New Left* nos EUA, dissentiu veementemente da posição tomada por seu antigo companheiro. Esse descompasso apareceu numa série conhecida de cartas (cf. ADORNO e MARCUSE, 1999; LOUREIRO, 1999; KRAUSHAAR, 1998) e se tornou a principal referência quando se fala do debate entre Adorno e Marcuse.

Este artigo tem como objetivo contextualizar o debate da correspondência entre ambos no que se refere ao movimento estudantil e das obras e intervenções públicas realizadas nesse período, descrevendo os fatos que as impulsionaram, referindo-se à conjuntura da *New Left* nos EUA e a do movimento estudantil alemão, ressaltando suas particularidades e, finalmente, examinando algumas posições tomadas por Adorno e Marcuse quanto à questão da relação entre teoria e práxis. A ideia é que ele sirva como uma introdução ao debate entre os autores no final dos anos de 1960, uma vez que este tipo de contextualização detalhada não está disponível ao leitor lusófono (e nem ao leitor anglófono).

A compreensão de uma obra teórica e, portanto, da objetividade do conteúdo de verdade que ela contém, está sujeita ao momento histórico no qual ela está inserida. Ao menos no âmbito do debate da Teoria Crítica, é provável que ninguém discorde disso. Contudo, o impacto dos processos de *recepção* de uma mesma obra sobre o modo como ela é interpretada, por sua vez, tende a ser negligenciado em nome do consenso citado acima, que nem por isso deixa de ser verdadeiro⁴. A tese que guia estas reflexões é a de

⁴ Para contextualizar os fatos desse abalo que dividiu a Escola de Frankfurt e seus estudiosos desde então, nos apoiaremos na crônica extensamente documentada de Kraushaar (cf. KRAUSHAAR, 1998). Também utilizamos as seguintes referências: Voigts (2012); Wiggershaus (1994). Infelizmente, muitas vezes elas divergem sensivelmente entre si. Quando isso ocorreu, tomamos

que o envolvimento dos movimentos estudantis nesse debate e o fato de que eles foram o principal veículo da recepção da Escola de Frankfurt nos EUA e nos países que acompanharam a bibliografia americana envolveram uma abordagem parcial desse debate e das obras de Marcuse e Adorno do período, que, se não desfeita, pode ser atenuada por uma apreciação pormenorizada da conjuntura em que tal debate se deu.

Em rota de colisão

O trecho supracitado a respeito das barricadas ajudamos a recuperar a conjuntura na qual se deu esse debate, uma vez que alude a um episódio específico. Em setembro de 1967, numa conferência em Frankfurt da mais representativa fração do movimento estudantil alemão, conhecida pela sigla SDS (*Sozialistischer Deutscher Studentenbund*), Hans-Jürgen Krahl, orientando de doutorado de Adorno, e Rudi Dutschke, os maiores líderes da SDS do período, propuseram perante dois mil membros que o movimento atuasse como uma “guerrilha urbana”. Inspirados na tática de guerrilha rural do Terceiro Mundo, eles defendiam que o guerrilheiro urbano deveria ser o “organizador da destruição [...] do sistema das instituições repressivas” (KRAUSHAAR, 1998, p. 270, tradução nossa). Daí a alusão de Adorno à importação de um modelo que não funcionaria nem na selva boliviana, uma vez que o maior representante da guerra de guerrilhas na América Latina teria encontrado um fim trágico. A universidade, de acordo com a fala de Krahl e Dutschke nesse congresso, seria a base para as atividades da SDS.

A SDS reivindicava a herança dos teóricos da Escola de Frankfurt e insistia no seu engajamento. Essa foi a principal razão que deu início à desavença entre Adorno e a SDS, uma vez que estes defendiam uma ligação direta entre sua teoria e as ações do

por base o já canônico livro de Kraushaar, assim como nossa pesquisa pessoal nos arquivos de Adorno e de Marcuse em Berlim e em Frankfurt.

movimento. Já em maio de 1964, Adorno havia instituído processos judiciais contra o uso não autorizado de seu nome, que aparecia em cartazes colados pelo grupo “ação subversiva” em Munique, Berlim ocidental, Stuttgart e Tübingen, com montagens de citações de sua obra que terminavam com a frase “se você também acha que a discrepância entre análise e ação é insuportável, escreva sob a senha 'antítese' para o endereço 8 Munique, 23. Responsável Theodor W. Adorno, 6 Frankfurt am Main, Kettenhofweg123”, que era o endereço profissional de Adorno (KRAUSHAAR, 1998, p. 208, tradução nossa).

Depois da morte do estudante Benno Ohnesorg, baleado pela polícia numa manifestação em 2 de junho de 1967, a atuação dos movimentos de esquerda em geral, e do movimento estudantil em particular, passou a se intensificar. No dia do funeral de Ohnesorg, Habermas, num debate com a SDS em Hannover, usou o termo “fascismo de esquerda” para qualificar a atuação do movimento estudantil. A expressão tornar-se-ia um dos centros da polêmica (cf. WIGGERSHAUS, 1994, p. 619). A Escola de Frankfurt e os estudantes entravam em rota de colisão.

Pouco mais de um mês depois, Adorno foi a Berlim dar uma conferência (programada antes da morte de Ohnesorg) intitulada “O classicismo da Ifigênia de Goethe”. Adorno abriu sua fala demonstrando sua simpatia por Ohnesorg, criticara a imprensa reacionária que havia zombado de sua morte e pedira uma investigação neutra a respeito dos eventos. Mesmo assim, a SDS insistiu no cancelamento da palestra e na instauração de uma discussão política em seu lugar, exigência que Adorno negou. Peter Szondi, amigo de Adorno, mas também apoiador da SDS, interveio e garantiu a realização da palestra sem interrupções. No final da conferência, um aluno tentou dar um ursinho para Adorno – aludindo a seu apelido “Teddy” e à expressão “Teddy Bär” – e um outro aluno deu um tapa no ursinho para impedir que o professor fosse ridicularizado. Adorno exclamou, então, que isso era um ato de barbárie (cf. WIGGERSHAUS, 1994, p. 619-20).

Em 11 de abril de 1968, houve uma tentativa de assassinato a Dutschke e o clima político esquentou ainda mais. Dutschke

passou a sair diariamente nos jornais como um líder terrorista⁵. No mesmo mês, Andreas Baader, Gudrun Ensslin e outros membros do que viria a se tornar a RAF (Rote Armee Fraktion) incendiaram duas lojas de departamento em Frankfurt em protesto contra a indiferença à guerra no Vietnã (cf. LESLIE, 1999, p. 119). Adorno alude a esse fato nas *Notas Marginais* e afirma que é ingênuo defender abstratamente que o Vietnã rouba o sono de alguém.

O mês de maio de 1968, na Alemanha Ocidental, foi marcado pelas lutas contra as leis de emergência⁶. A SDS, junto com sindicatos poderosos, como alguns dos setores da fábrica IG, convocaram greves gerais nas fábricas, universidades e escolas. Adorno tomou partido dos estudantes e foi à televisão falar contra tais leis e assinou também um apelo que justificava greves políticas, a pedido da SDS (cf. KRAUSHAAR, 1998, p. 326).

Em 27 de maio, mais de 2000 estudantes, liderados por Krahl, ocuparam a Universidade Goethe e mudaram seu nome (muito burguês na visão do movimento) para “Universidade Karl Marx” (cf. WIGGERSHAUS, 1994, p. 626). Esse é um dos exemplos das várias ocupações e greves que ocorreram em 1968 nessa Universidade, contra as leis de exceção e as reformas universitárias, isto é, contra o recrudescimento político em relação aos movimentos de protesto na Alemanha.

Em 31 de janeiro de 1969, alguns membros da SDS tentaram reocupar o Departamento de Sociologia da Universidade Goethe, que já havia sido ocupado e esvaziado no mês anterior. O Departamento estava trancado e o outro lado do prédio já estava

⁵ É importante destacar aqui que Dutschke e a SDS diferiam em relação a algumas das estratégias empregadas pelo grupo de Baader e Ensslin. Ainda assim, a imprensa, capitaneada pelo grupo Springer, travava todos como “terroristas”.

⁶ Em 1969, sob o governo da grande coalisão, foram aprovadas as leis de emergência. Essas leis, que serviriam em tese para garantir a habilidade do governo federal de agir em casos de crises advindas de desastres naturais, guerras e levantes, permitiam ao governo cercear direitos básicos em casos excepcionais.

cercado por policiais, que estavam lá para impedir a ocupação. Setenta e seis estudantes, sob a liderança de Krahl, dirigiram-se então para o Instituto de Pesquisas Sociais para fazer uma reunião da SDS. Adorno viu os vários alunos entrando no Instituto e teve certeza de que pretendiam ocupá-lo. Ludwig von Friedeburg, diretor do Departamento de Sociologia e do Instituto, pediu que os alunos saíssem do prédio, mas eles se negaram. Adorno e Friedeburg chamaram então a polícia, que prendeu todos. Enquanto Krahl passava pelo cordão de policiais, ele gritou para Adorno “teórico crítico de merda” (KRAUSHAAR, 1998, p. 398, tradução nossa). Todos os alunos foram liberados no mesmo dia, exceto Krahl, que foi acusado formalmente de invasão e coerção. O julgamento durou meses e Habermas se sentiu inclinado a retirar as acusações, mas Adorno e Friedeburg decidiram mantê-las (cf. KRAUSHAAR, 1998, p. 397-9).

Nos meses que se seguiram, outro episódio viria marcar a relação entre Adorno e os estudantes: um grupo da SDS invadiu seu curso de “Introdução ao pensamento dialético”, no que ficou conhecido como o “atentado dos seios” (*Busenattentat*). Um aluno entrou e escreveu na lousa: “Aquele que deixar prevalecer apenas o querido Adorno vai preservar a longa vida do capitalismo”. Ao que Adorno afirmou: “eu lhes darei 5 minutos, decidam se minha aula deve acontecer ou não”. Entraram, então, três alunas com jaquetas de couro e jogaram pétalas de flores sobre ele. Em seguida, elas desnudaram os seios e tentaram beijar Adorno na bochecha enquanto ele se protegia com sua pasta. A grande maioria dos alunos ficou estareçada; alguns riram e outros vaiaram. Esse episódio gerou uma cisão no movimento por causa da “explosão ilegítima da aula do Adorno”, que se somou a outras divergências, como o “uso de violência física contra colegas que divergem do grupo”, entre outros motivos (KRAUSHAAR, 1998, p. 418, tradução nossa). A SDS decidira interromper a aula de Adorno até que ele se retratasse publicamente quanto ao fato de ter chamado a polícia.

Duas semanas depois de chamar a polícia, Adorno escreveu uma carta a Marcuse explicando o ocorrido⁷. Marcuse iria a Frankfurt dar uma conferência reservada no Instituto. O caráter reservado era um pedido seu, pois não queria que sua palestra virasse “um circo”. Mas, depois de receber a notícia de que a polícia havia sido chamada por Adorno, ele pede que a sua palestra seja pública, para não dar a impressão de que ele apoiava a atitude de Adorno e do Instituto. Nas palavras de Marcuse, “dito brutalmente: se a alternativa for polícia ou estudantes de esquerda, estou com os estudantes [...]” (Carta de 5/4/69).

Desde o início dos anos 60, Marcuse participava das ações do movimento estudantil nos Estados Unidos. Ele participara, por exemplo, de um evento contra a invasão de Cuba pelos EUA na universidade de Brandeis em 61 e de um massivo *teach in* contra a Guerra do Vietnã em Los Angeles. Além disso, Marcuse travou uma intensa colaboração com a estudante e ativista Angela Davis, a quem acompanhou, desde sua passagem no Instituto de Pesquisas Sociais sob a orientação de Adorno, até sua entrada no Partido das Panteras Negras e no Partido Comunista dos Estados Unidos – o que terminou por levá-la à prisão (cf. MARCUSE, 2004, p. 157-184). Na Alemanha, sua participação era menor, mas ainda presente; ele havia dado duas palestras em 1967 em Berlim a convite da SDS poucas semanas após o assassinato de Ohnesorg, publicadas posteriormente com o título de *O fim da utopia*. Marcuse foi recepcionado com flores e ovação⁸ e tornou-se a partir de então amigo de Rudi Dutschke⁹.

Pode-se afirmar que as cartas que se referem a essa celeuma específica são cerca de vinte, trocadas entre junho de 1967 e agosto de 1969. As tensões entre os dois teóricos aparecem já nas cartas de

⁷ Para a correspondência entre ambos, tomamos como referência a troca de cartas que se encontra no Arquivo de Theodor W. Adorno, Documento TWAA Br 0969. Tradução nossa.

⁸ Documento 2021.32 do Arquivo Herbert Marcuse.

⁹ Documentos de 2020 a 2140 do Arquivo Herbert Marcuse. Sobre sua amizade, cf.: Jansen (2004).

1967, com uma carta de Adorno a Marcuse de 1o de junho de 1967, na qual ele afirmava que “muitos dos jovens estudantes tendem a sintetizar sua espécie de práxis com uma teoria não disponível, e aí aparece um decisionismo que lembra o horror” (Carta de 1/6/67). Dezesesseis dias depois Marcuse respondia, ressaltando a existência de divergências políticas entre eles. Mas a epítome da discórdia se deu no ano de 1969, especialmente após a ocupação do Instituto. Em meio a discussões a respeito de uma palestra de Marcuse no Instituto sobre os “problemas recentes de uma teoria da sociedade” e de planos de encontro na Europa, os autores debateram os rumos do movimento estudantil.

Cerca de vinte dias antes da ocupação do Instituto, Marcuse escreveu a Adorno e Horkheimer afirmando que concordava com a avaliação de ambos: racionalidade e irracionalidade – e até mesmo elementos contrarrevolucionários – estariam inextricavelmente unidos no movimento estudantil, mas termina com a pergunta “onde nós ficamos?” (Carta de 12/1/69). A próxima carta de Adorno, de 14 de fevereiro, relatava o ocorrido em 31 de janeiro.

As discordâncias em relação ao movimento estudantil de fato podem ser resumidas como divergências em relação ao papel desses movimentos em sua atualidade: enquanto Marcuse acreditava que poderiam funcionar como catalisadores de uma práxis vindoura e de fato revolucionária, Adorno desconfiava seriamente dessa posição, enfatizando muito mais seus métodos e ações irrefletidos que, em uma situação de bloqueio objetivo da práxis, poderiam inverter-se em puro fascismo. Isso não implica que Adorno seria contrário à práxis revolucionária. Este avaliava, como um marxista ortodoxo que teria tirado as consequências materialistas decorrentes da tese da integração da classe trabalhadora – como o próprio Marcuse viria a admitir, em uma entrevista dada pouco após a morte de Adorno (cf. VOIGTS, 2012, p. 27) –, que a práxis estaria, ao menos naquele momento, bloqueada.

Adorno recorria à experiência do nazismo para argumentar que eles, em uma situação muito mais grave, não teriam recorrido à práxis porque esta lhes estaria vedada. Marcuse contra-argumentava afirmando que esse era de fato o caso nos anos

de 1930 e 40, mas que a situação havia mudado. Na democracia burguesa havia mais espaço e direitos para práxis que no fascismo, embora “[...] na medida em que a democracia burguesa (em virtude de sua antinomia imanente) se isola contra a transformação qualitativa [...] a oposição extraparlamentar torna-se a única forma da ‘*contestation*’: ‘*civil disobedience*’, ação direta” (Carta de 4/6/69).

Logo, o diagnóstico de que a atuação política desses movimentos não poderia ser caracterizada como uma práxis imediatamente revolucionária era partilhado por ambos. Em 5 de abril, até mesmo em uma de suas cartas mais duras, Marcuse escreveu a Adorno: “Nós sabemos (e eles sabem) que a situação não é revolucionária, nem sequer pré-revolucionária” (carta de 5/4/69). Adorno admitiria então em sua próxima carta: “Eu sei que, no que se refere à relação entre teoria e práxis, nós não estamos distantes um do outro, embora devêssemos realmente discutir a fundo essa relação [...]” (Carta de 5/5/69).

Outro ponto interessante, normalmente tomado como de dissenso entre ambos, mas que é muito mais matizado na realidade, reside na questão das condições que tornaram e tornariam a intervenção policial no Instituto legítima. Ambos parecem discordar frontalmente de início: “Ocupação de salas (fora meu apartamento) sem tal tipo de ameaça violenta não é para mim motivo suficiente para chamar a polícia”, escreveu Marcuse (Carta de 5/4/69). Adorno argumenta que, uma vez que o Instituto era uma instituição independente da Universidade, a responsabilidade sob quaisquer danos recairia somente sobre ele e Friedeburg, mas não aponta nenhuma ameaça de fato, a não ser uma menção abstrata a “pichações e tudo mais” (Carta de 5/5/69). No entanto, na medida em que o debate prossegue, notamos que Marcuse chegou, em carta de 4/6/69, a formular uma situação hipotética em que ele mesmo teria chamado a polícia, que Adorno afirmou ter sido justamente o caso em Frankfurt: “se houver uma ameaça real de dano físico a pessoas e a destruição de material e instalações que servem à função educacional da universidade” (carta de 4/6/69).

Mais um elemento da querela raramente levado em consideração: Marcuse e Adorno parecem falar de movimentos estudantis distintos, com contextos localizados, métodos diferentes e atuações particulares. Isso é notório em vários trechos da troca de cartas de 1969: “Exemplo [de ocupações legítimas, inserção dos autores]: na Universidade da Califórnia, após o inimaginavelmente brutal esmagamento da manifestação de maio em Berkeley” (carta de Marcuse de 4/6/69); “Aqui em Frankfurt, e certamente também em Berlim, a palavra *catedrático* é utilizada a partir de cima para descartar pessoas ou, como eles tão lindamente dizem, acabar com alguém, como os nazistas faziam em sua época com a palavra *judeu*” (carta de Adorno de 19/6/69); “eu acredito admitidamente que o movimento estudantil tem chance de ‘ter um efeito de intervenção social’. A esse respeito, penso sobretudo nos Estados Unidos, mas também na França (minha estadia em Paris atestou isso novamente) e na América do Sul. [...] Acho algumas ações, como elas me foram relatadas de Frankfurt e Hamburgo, tão condenáveis quanto você. Eu combati bastante em público o lema da destruição da universidade como ação suicida” (carta de Marcuse de 21/7/69); “aliás, a situação alemã realmente é outra. [...] E em Frankfurt ele [Daniel Cohn-Bendit, inserção dos autores] ainda conta como um dos mais humanos. *Quel monde!*” (carta de Adorno de 6/8/69). Em outras palavras, o contexto local de cada um dos movimentos estudantis – alemão, no caso de Adorno, e estadunidense, no de Marcuse – pode ter levado a interpretações distintas, reunidas sob a rubrica comum de “movimento estudantil” sem levar em consideração suas contundentes peculiaridades.

Por fim, parece bastante revelador da posição de Adorno que, mesmo em sua última carta em vida, ele tenha escrito: “Sou o último a subestimar os méritos do movimento estudantil: ele interrompeu a transição suave para o mundo totalmente administrado” (carta de Adorno de 6/8/69).

Devido ao enorme sucesso de *O homem unidimensional* nos EUA e do apoio que Marcuse forneceu aos estudantes, ele foi eleito como uma espécie de “guru de 1968” e grande parte de sua recepção foi determinada por esse fato. No Brasil, a tradução de sua

correspondência com Adorno (cf. LOUREIRO, 1999), omitindo o debate anterior, sustenta essa visão. No entanto, é necessário fazer uma observação importante sobre esse ponto: a correspondência entre Adorno e Marcuse nunca foi inteiramente publicada, mesmo em alemão. Porém, o trecho localizado de cartas no qual aparece o desentendimento entre ambos, este sim foi publicado em alemão no volume 2 do livro de Kraushaar (cf. KRAUSHAAR, 1998), em inglês em artigo na *New Left Review* (cf. ADORNO e MARCUSE, 1999), e em português na coletânea *A grande recusa hoje* (cf. LOUREIRO, 1999). Logo, a imagem que parece sobressair, em meio a um *corpus* formado por vinte anos de correspondência, é a de que ambos haveriam rompido definitivamente suas filosofias, visões políticas e relacionamento pessoal em virtude de seu desentendimento em torno dos eventos políticos dos anos de 1960 e 1970. Além disso, as concepções que Adorno e Marcuse tinham a respeito da relação entre teoria e práxis – que aparece na sua produção dos anos 1960 – passaram, elas também, a ser interpretadas a partir dessa correspondência.

Se o retorno do Instituto de Pesquisa Social do exílio foi acompanhado de um impacto enorme que a Teoria Crítica exerceria na Alemanha Ocidental a partir de então, a Escola de Frankfurt nos Estados Unidos, assim como no Brasil, permaneceria desconhecida até quase duas décadas depois. Nos Estados Unidos, onde Marcuse permaneceu após o retorno do Instituto, foi a publicação de *One-dimensional Man* em 1964 que deu ensejo para a recepção da Escola de Frankfurt e, principalmente, de Adorno. Esse é um fato extraordinário se pensarmos no tempo que o Instituto permanecera lá. O livro foi um *bestseller* e, de acordo com Leo Maar, “[...] segundo uma pesquisa de nomes de esquerda que apareciam em órgãos de imprensa nas décadas de 1960 e 1970, somente Che Guevara foi mais citado” (MAAR, 2008) que o de Marcuse. Para se ter uma ideia da disparidade em relação a Adorno, vale citar que em 1969, à ocasião de sua morte, ele era conhecido apenas como o principal nome da pesquisa sobre *The Authoritarian Personality*, e não tinha nenhuma obra filosófica traduzida para o inglês.

As circunstâncias da recepção da sua obra a partir dos anos de 1970 nos EUA estão ligadas à importância que Marcuse teve nesse contexto. Paul Breines, por exemplo, defendeu que Marcuse teve uma influência decisiva para o Movimento dos Direitos Civis nos EUA, para a *New Left* e para as revoltas estudantis dos anos de 1960 como um todo, tornando-se “o pensador mais amplamente discutido pela esquerda norte-americana” (BREINES, 1969, p. 135) e Bárbara Freitag denominou Marcuse “o intelectual orgânico da *New Left*” (FREITAG, 1986, p. 178). Isto é, a *New Left* seria a principal propagadora da obra de Marcuse nesse contexto, que, por sua vez, introduziu de maneira ampla a Escola de Frankfurt e Adorno nos EUA. Sendo assim, suas obras seriam lidas já a partir da querela entre Adorno e Marcuse¹⁰, uma vez que, mais do que uma porta de entrada no debate, a *New Left* foi protagonista nessa conjuntura. Basta lembrar que a Escola de Frankfurt ganha vasta atenção apenas após a impressionante venda de 300 mil cópias de *One-dimensional Man* em sua primeira edição.

Vale destacar novamente, contudo, que uma das diferenças fundamentais entre Adorno e Marcuse era a de que o último tomava por base de seu diagnóstico principalmente a atuação do movimento estudantil americano, com o qual tinha uma relação mais próxima, embora também conhecesse os movimentos francês e alemão. O movimento estudantil alemão parecia apresentar traços anti-intelectualistas especialmente agudos, que foram alvos de crítica tanto do lado de Adorno, quanto do de Marcuse.

¹⁰ No âmbito acadêmico, isso logo se transformaria com a publicação de *Marxismo e forma* de Fredric Jameson em 1971, de *A imaginação dialética* de Martin Jay em 1973, de *As origens da dialética negativa* de Susan Buck-Morss em 1977, entre outros. Sobre outros aspectos da recepção de Adorno nos EUA, cf. Jay (1984).

Teoria e Práxis

Adorno e Marcuse escreveram textos fundamentais para a discussão da relação entre teoria e práxis nesse período. Para citar apenas alguns exemplos: Adorno publicou sua *Dialética negativa* em 1966; podemos nos lembrar também do discurso *Contra as leis de exceção*, proferido em 28 de maio de 1968, em Frankfurt, no evento “Democracia em estado de emergência”; da conferência de rádio *Resignação*, pronunciada na emissora *Freies Berlin*, em 9 de fevereiro de 1969; assim como do texto *Notas marginais sobre teoria e prática*, escrito no mesmo ano, mas publicado postumamente; por fim, Adorno também concedeu duas entrevistas expressivas, “Teoria crítica e movimento de protesto”, para o *Süddeutsche Zeitung* de 26 e 27 de abril de 1969, e “Sem medo da torre de marfim”, para *Der Spiegel* em 5 de maio de 1969. Da parte de Marcuse, as balizas desse debate se dão principalmente com o “Prefácio político” de 1966, para a nova edição de *Eros e civilização* e com a série de palestras na Universidade Livre de Berlim em 1967, publicadas posteriormente com o título de *O fim da utopia* (entre as quais está a importante “Sobre o problema da violência na oposição”). A palestra de 31 de outubro de 1968 na UCLA, que conta com o revelador título de “Além de O Homem Unidimensional” e o livro *Um ensaio para a libertação*, de 1969, são também importantes marcos desse debate. Assim como não é possível refletir sobre a *Dialética do esclarecimento* sem pensar na experiência da Escola de Frankfurt nos EUA, na Guerra e no nazismo, esses ensaios, livros e conferências não devem ser apartados da conjuntura que os atravessa e ganhariam muito se lidos em diálogo com esse contexto.

Na *Dialética negativa*, Adorno formulou o que poderia ser descrito como um dos principais impulsos de sua teoria crítica, a saber: o fato de que, após as tentativas falhadas de transformação do mundo, a filosofia permaneceu viva precisamente porque o instante de sua realização foi perdido (cf. ADORNO, 2009). De um lado, abandonar o pensamento filosófico seria confessar de maneira definitiva a derrota da razão e assinar de uma vez por todas o pacto com a barbárie. De outro lado, a possibilidade de

criticar a filosofia em nome da práxis deixou de ser consistente com a presente configuração histórica. Nas palavras de Adorno,

A unidade entre a teoria e a prática, tantas vezes evocada, tem tendência a ceder à predominância da prática. [...] Para Marx, o dogma dessa unidade estava animado pela possibilidade imanente da ação, já naquela altura não realizada. Hoje o que se desenha é o contrário. As pessoas agarram-se à ação por causa da impossibilidade da ação. Mas já em Marx se esconde aí uma ferida. Ele conseguiu expor a décima primeira tese de Feuerbach tão autoritariamente porque sabia não estar totalmente seguro dela. Na juventude tinha exigido a “crítica implacável de tudo que existe”. Agora, troçava da crítica (ADORNO, 2003, p. 192).

Para Adorno, a crítica que Marx dirigiu ao idealismo, de acordo com a qual a filosofia figurava como mera interpretação do mundo, perde a validade quando a possibilidade de realização da filosofia parece expulsa do nosso horizonte expectativo. Essa revisão foi feita também por Marcuse:

O que eu gostaria de chamar de praga da Nova Esquerda é o anti-intelectualismo generalizado. [...] A famosa tese de Marx hoje é interpretada como se não mais fosse necessário compreender e interpretar o mundo; como se nós pudéssemos simplesmente sair e transformá-lo. [...] Hoje mais do que nunca não pode haver prática revolucionária sem teoria, a qual orienta essa prática (MARCUSE apud VOIGTS, 2012, p. 28).

Em 1967, na palestra em que discutia “o fim da utopia”, na Universidade Livre de Berlim, Marcuse defendia que os estudantes não eram um movimento revolucionário, mas afirmava também que entrevia neles um dos grupos de oposição que poderiam representar uma mudança no sentido da emancipação, mas que não poderiam substituir o proletariado. A nova esquerda não substituía o proletariado e a sua práxis não substituía a teoria:

A Filosofia era na origem do esforço histórico radical para “transformar o mundo” na imagem da Liberdade e da Razão; o esforço ainda não atingiu seu fim. A famosa tese de Feuerbach nunca significou que agora não é mais necessário interpretar o mundo – nós podemos ir por aí transformando-o. Esse empreendimento é mais difícil hoje do que antes: o mundo deve ser interpretado novamente para ser transformado; e uma boa parte dessa interpretação requer pensamento crítico, pensamento filosófico. *Pro domo* ou não – eu acredito que nós ainda temos um trabalho a ser feito – um trabalho *cada vez mais grave*, e, eu espero, cada vez mais PERIGOSO (MARCUSE, 2011, p. 182, grifos no original).

Eis porque, mesmo nos momentos de participação mais ativa de Marcuse na *New Left*, ele jamais abriu mão de criticar aquilo que denominava a “praga” da nova esquerda. Conforme afirmamos, esse seria, salvo engano, um dos principais problemas do movimento estudantil alemão e se acentuaria nos Estados Unidos de maneira mais difusa ao longo do tempo.

Para se ter uma ideia, Daniel Cohn-Bendit disse o seguinte a Adorno: “tamanho porco reacionário como o senhor eu nunca conheci. Deveria ser castrado” (cf. COOK, 2004, p. 48). Num outro episódio, em março de 1969 um dormitório estudantil foi invadido por uma fração da SDS autointitulada “jaquetas de couro” (*Lederjacketfraktion*), o quarto foi depredado e as paredes pichadas com os dizeres: “Para o campo de concentração com a corja dos intelectuais” (KRAUSHAAR, 1998, p. 409, tradução nossa). Esse fato aparece de maneira imprecisa no ensaio *Notas marginais*, na passagem em que Adorno afirma que, quando um estudante prefere fazer teoria a participar de ações e tem, por isso, seu quarto invadido, a ideia é: quem se ocupa da teoria sem agir praticamente é um traidor do socialismo.

Os atritos de Adorno com o movimento estudantil, antes da chamada da polícia, estão ligados a uma concepção imediatista de práxis, da qual a SDS não abria mão. Num debate entre Krahl,

Adorno, Günter Grass e outros, Krahl e o movimento estudantil reprendiam Adorno por não ter aderido à práxis, pois ele não teria marchado nas ruas de Bonn com os estudantes (cf. KRAUSHAAR, 1998, p. 361). A práxis estava ligada à participação imediata nas ações estudantis e a teoria (que havia inspirado esses movimentos) passava a ser vista com suspeita.

Segundo Marcuse, tal anti-intelectualismo presente no seio da própria (velha e) nova (e novíssima, diga-se de passagem) esquerda, operaria não contra o *establishment*, mas a favor dele, expressando uma espécie de uma “auto-renúncia masoquista dos intelectuais” (MARCUSE, 2004b, p. 155, tradução nossa), um complexo de inferioridade cultivado sistematicamente e fatal, principalmente em um momento no qual o próprio caráter minoritário e localizado da prática política necessita mais e mais de análises críticas autônomas. Tal ideia vai inclusive de acordo com o diagnóstico proposto em 1964 em *O homem unidimensional*, no qual Marcuse mostra como, na sociedade unidimensional, um todo que conglomerava desde a filosofia analítica, o *business and management*, até a indústria cultural, tudo milita contra a tarefa especulativa do pensamento crítico que não se permite traduzir imediatamente em conceitos empregáveis e “úteis”. Explicitar e lutar contra tal tendência regressiva no seio dos grupos da Nova Esquerda foi uma das tarefas que Marcuse elegeu então como necessárias.

Eis porque ele não deixava de enfatizar o papel do intelectual na transformação radical do mundo. Mesmo que a posição do acadêmico, do professor ou do filósofo seja uma de privilégio dentro de uma sociedade repressiva e desigual, afirmava Marcuse, trata-se de um privilégio de saber e aprender que poderia ser uma força centrípeta em relação a tal sociedade. Não por outro motivo, Marcuse defendia que a própria Universidade – como outras instituições sociais, um reino apartado ao qual a maioria da população não tem acesso – poderia se tornar uma ferramenta de luta contra o capitalismo tardio, fundando uma contrapsicologia, uma contrassociologia, uma contrarrazão e uma contraeducação (MARCUSE, 2004b, p. 156). Afinal, “quanto mais avassalador o poder do aparato de dominação, quanto mais efetiva sua

reprodução na consciência e na estrutura pulsional dos dominados, mais importante torna-se a prática intelectual esclarecedora e educativa” (MARCUSE, 2004b, p. 155, tradução nossa).

Esses mesmos argumentos foram utilizados por Adorno:

O distanciamento da prática é mal visto por todos. Suspeita-se de quem não queira entrar em ação determinadamente ou sujar as mãos, como se não fosse legítima a antipatia por essa ação e apenas deformada pelo privilégio. [...] Toda a gente deve participar. Quem só pense, se mantenha à parte, é fraco, covarde, virtualmente um traidor. [...] A intolerância repressiva contra o pensamento que não é logo seguido por instruções de ação está fundada no medo [...] o sofrimento provocado por um estado negativo, neste caso pela realidade bloqueada, torna-se raiva para com aquele que lhe dá expressão (ADORNO, 2003, p. 191-3).

Tomadas em conjunto, as reflexões de Marcuse demonstram que, de um lado, seu diálogo com Adorno tem um caráter muito menos dualista do que pode parecer a quem lê apenas a correspondência de 1969, e de outro que, longe de ter sido o “guru de 1968”, Marcuse foi também um crítico desses movimentos. Da mesma maneira, se tomadas em conjunto, as posições de Adorno também podem ser entendidas de modo mais problematizado.

Em um prefácio nunca publicado – muito embora tenha sido escrito para tal – para uma reedição da *Dialética do esclarecimento*, Adorno escreveu uma mensagem curiosa do ponto de vista de sua produção, pois inclui referências ao terceiro mundo e ao movimento estudantil, que raramente aparecem em sua obra. Nesse prefácio, existe uma passagem na qual Adorno fala dos estudantes como resistência contra a administração total do mundo:

Uma experiência não foi antecipada pelo livro, muito embora ela tenha sido implicada em outros de nossos textos: ao menos a juventude resiste [*setzt sich zur Wehr*] contra a transição ao mundo administrado, que não se

dá de maneira ininterrupta, mas sim por ditaduras e guerras. O movimento de protesto em todos os países da Terra, em ambos os blocos, assim como no terceiro mundo, atesta que não é tão suave integrar-se. Se o livro ajudar os impulsos da resistência na direção de uma consciência, que o movimento ilumina, e ajudar a prevenir a práxis cega a se imputar por desespero e a sucumbir a narcisismo coletivo, então isso poderia proporcionar ao livro uma função real (ADORNO apud VOIGTS, 2012, p. 14, tradução nossa).¹¹

Adorno e Marcuse nunca chegaram a ter pessoalmente a conversa sobre os temas de sua correspondência nesse período, pois Adorno morreu logo em seguida. Após a sua morte, Marcuse afirmou que o objetivo político de Adorno era “continuar a pensar e fazer os outros pensar, para preparar a práxis vindoura”. A posição de Adorno teria sido “um recuo temporário ao [...] puro pensar” (MARCUSE apud VOIGTS, 2012, p. 27, tradução nossa).

Refletir sobre a Escola de Frankfurt e sobre as experiências intelectuais de Adorno e Marcuse, independente da concordância ou discordância em relação às suas condutas, envolve fazer um exame detalhado de sua vida e obra. Isso pode auxiliar na compreensão do caráter contraditório de sua atuação e na desconstrução de estereótipos ligadas a ela. A *New Left* e o movimento estudantil são parte importante de sua história e sua recepção, mas não esgotam a totalidade de sua experiência. Talvez pese para sempre, na imagem de Adorno, a contradição entre o conteúdo de sua obra e o fato de ele ter se colocado ao lado da lei e da ordem ao ter chamado a polícia frente a uma situação de conflito. Mas, como ele gostava de afirmar quanto às obras de arte, estas não se restringem às intenções de seu autor. Assim como elas, as obras de Adorno, de Marcuse e da Escola de Frankfurt como um todo tiveram efeitos imprevistos, que escaparam às mãos daqueles que a produziram

¹¹ Voigts sugere a possibilidade de Horkheimer ter vetado tal trecho, embora a razão de ele nunca ter sido publicado seja objeto apenas de especulação. Cf. Voigts (2012, p. 14).

e, quiçá, poderão ir um dia além deles – exatamente para o lugar onde eles mesmos desejaram um dia estar.

Referências

ADORNO, T. W. Notas marginais sobre teoria e práxis. In: **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 202-229.

_____. Resignação. In: **Sobre a indústria da cultura**. Trad. Claudina Coelho. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

_____. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

ADORNO, T. W.; MARCUSE, H. Privatkorrespondenz. Dokument TWAA Br 0969. Theodor W. Adorno Archiv.

_____. Correspondence on the German Student Movement. **New Left Review**, n. 233, p. 123-36, 1999.

BREINES, P. Marcuse y la Nueva Izquierda en la Norteamérica. In: HABERMAS, J. **Respuestas a Marcuse**. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Anagrama, 1969.

COOK, D. Ein Reaktionäres Schwein? Political Activism and Prospects for Change in Adorno. **Revue Internationale de Philosophie**, n. 227, p. 47-67, 2004.

FREITAG, B. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JANSEN, P-E. Eine Freundschaft in unruhigen Zeiten. Herbert Marcuse und Rudi Dutschke. **Thomas-Morus-Akademie**, n. 13, maio 2004.

JAY, M. Adorno in America. **New German Critique**, n. 31, p. 157-182, 1984.

KELLNER, D. (org.). **Collected Papers of Herbert Marcuse, Volume 3: The New Left and the 1960s**. London/New York: Routledge, 2005.

KRAUSHAAR, W. (org.). **Frankfurter Schule und Studentenbewegung: Von der Flaschenpost zum Molotowcocktail 1946 bis 1995**. Hamburg/Frankfurt am Main: Rogner e Bernhard bei Zweitausendeins, 1998.

LESLIE, E. Introduction to Adorno/Marcuse Correspondence on the German Student Movement. **New Left Review**, n. 233, p. 118-123, 1999.

LOUREIRO, I. (org.). **A grande recusa hoje**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAAR, W. L. A educação pela revolução. **Revista CULT**, p. 44-47, 01 ago. 2008.

MARCUSE, H. Angela Davis. In: JANSEN, P-E. (org.). **Nachgelassene Schriften**. Band 4: Die Studentenbewegung und ihre Folgen. Lüneburg: zu Klampen, 2004, p. 157-184.

_____. Theorie und Praxis. In: **Schriften**. Band 9. Springe: zu Klampen, 2004b.

_____. The Relevance of Reality. In: KELLNER, D.; PIERCE, C. (orgs.). **Philosophy, Psychoanalysis, Emancipation**. Collected Papers of Herbert Marcuse Volume 5. London/New York: Routledge, 2011.

VOIGTS, H. Kritische Theorie und studentische Revolte. In: Associazione delle talpe/Rosa Luxemburg Initiative Bremen (org.). **Maulwurfsarbeit II: Kritik in Zeiten zerstörter Illusionen**. Berlin, 2012.

WIGGERSHAUS, R. **The Frankfurt School: Its History, Theories and Political Significance**. Trad. Michael Robertson. Cambridge: The MIT Press, 1994.